

Culto de Gratidão à Faculdade*.

Paulo Bonilha

Professor Catedrático Jubilado da Faculdade
Paulista de Direito da Pontifícia
Universidade Católica

Aqui estamos, os bacharéis de 1926, para, no Jubileu de Ouro de formatura, prestar, de modo todo especial, homenagem de veneração a esta legendária Escola, já em preparativos, sob a brilhante direção de V. Excia., para as comemorações, no ano que vem, do seu centésimo quinquagésimo aniversário de fundação.

Vimos do Templo de Deus, a velha Igreja de São Francisco, mercê e a dano da qual, aqui se instalou a Faculdade. Lá acabamos de dar graças pelos cinquenta anos de colação de grau. Agora, aqui estamos, no Templo do Direito para agradecer os ensinamentos e inspirações recebidos durante cinco anos, e render preito filial aos seus numes tutelares, formados da comunhão espiritual dos Professores e alunos que por aqui passaram, passam a hão de passar.

À sombra desses dois Templos, foi que se forjou, em magna parte, a nossa consciência de homens.

Bem significativa a vizinhança material deles, e, mais, o nascimento desta Faculdade à custa do Convento Franciscano, de parte de seu próprio ser, para mais tarde destacar-se autônoma, como filha que, deixando as entranhas maternas, leva, entretanto, no coração as virtudes daquela que lhe deu existência.

Bem expressiva essa formação da Academia. Bem exprime a verdade proclamada por RUI BARBOSA, em cinco palavras, na *Oração aos Moços*: “não há Justiça sem Deus.” A Justiça,

*. Discurso proferido em 18 de dezembro de 1976, quando da comemoração do quinquagésimo aniversário da formatura da turma de 1926. O orador foi aluno laureado com o prêmio Rodrigues Alves da turma 1922-1926.

que é a suprema virtude — a vontade constante e perpétua de dar a cada um o que é seu — é reflexo direto da Divindade, e é, na realização prática, o objeto do Direito.

Vimos aqui em romaria afetiva, para sentir mais de perto e mais intensamente o calor e o estímulo das tradições que este chão sagrado — prolongamento do solo franciscano e que sustentou as velhas, as centenárias, Arcadas — ainda guarda e conserva; porque este edifício, esta massa granítica, não conseguiu apagar as vetustas, as imorredouras, arcadas de taipa, ainda presentes, visíveis através destas pedras, pelo milagre da saudade, pela força incoercível das virtudes, das potencialidades, naquelas arcadas impregnadas ao longo de um século, e que se expandiram, e se expandem, pelo Brasil todo, como luzeiros a iluminá-lo para os caminhos do Direito, sob o signo da Cruz de Cristo. Este chão que ainda produz a seiva da terra bandeirante, que alimentou as passadas gerações de mestres e estudantes, nutre as presentes e há de sustentar as futuras, até quando houver, sobre a Terra, sede e fome de Justiça.

Vimos aqui para sentir, mais de perto, o vulto dos mestres veneráveis e dos colegas queridos que a morte já levou; e ouvir as ressonâncias das aulas que assistimos e encontrar, na névoa do passado, os sonhos, os anseios, as aspirações e as esperanças que acalentaram os devaneios de nossa mocidade! Sonhos, anseios, aspirações e esperanças que aqui perduram, com os sonhos, anseios, aspirações e esperanças das gerações que nos precederam, das que nos sucederam e das que ainda hão de nos suceder, numa comunhão espiritual, que é a alma impercível da Academia, “a velha e sempre nova Academia”, na frase carinhosa de nosso querido e saudoso SPENCER VAMPRE.

Meus amigos.

Há meio século despedimo-nos da convivência acadêmica, começada em 1922. Alguns já vínhamos amigos do curso ginásial.

Hoje não festejamos propriamente nossa formatura.

Na fase da vida em que nos encontramos, não temos mais condições para festas. Temos, graças a Deus, satisfações, serenas alegrias, consolo, boas amizades, humildade, paz de espírito.

Estamos comemorando, isto é, *memorando com, memorando juntos*, para nos confortarmos, apoiados uns nos outros, para mitigarmos a saudade, e, apesar de tudo, nos revigorarmos com o calor da amizade e darmos Graças a Deus.

Ao nos dispersarmos após a formatura, seguindo cada um o caminho a que o destino levou, continuamos, porém, vinculados por aquele eflúvio misterioso que emana da filiação da mesma turma acadêmica.

E, mal grado os desencontros, a inexperiência da vida, as incompreensões, cada qual absorvido, isolado, pode-se dizer, no seu campo de atividade, imerso na solidão da Cidade Grande — “Magna Civitas, Magna Solitudo”, conforme o adágio latino já lembrado por BACON no século XVI — quando nos encontramos ressurgia a nossa primavera de alegrias que floria nas queridas Arcadas.

Era a ressurreição daquele passado, acalentado sempre pela Saudade.

E, hoje, essa ressurreição é mais intensa, mais comovente, porque vem ela pejada de 50 anos, abençoados pelos nossos cabelos brancos.

Cinqüenta anos de formatura! Todos nós já ultrapassamos os setenta anos de idade. O que isso significa, todos nós o sabemos por experiência própria, que é o saber autêntico.

Precisamos, pois, cada vez mais, do calor da amizade, do consolo da confraternização, do apoio mútuo. E tudo isso se revigora e se fortalece com encontros, com comemorações, sobretudo como a presente.

Memoremos juntos, pois, amigos.

Vão aqui algumas recordações esparsas, que o largo tempo decorrido não conseguiu desvanecer, porque outro valor mais alto se alevantava: o amor à Faculdade.

Na primeira aula que tivemos nas Arcadas, sob as quais sentíamos, contritos e fervorosos, o peso da responsabilidade de suas gloriosas tradições, defrontamos com a figura imponente de HERCULANO DE FREITAS, que do alto da cátedra já então quase secular, nos empolgava com eloquência fulgorosa.

Permanecem até hoje em mim, tal aquela eloquência e o meu embevecimento, as primeiras palavras da primeira aula de Direito que recebemos, em 1922, e que me ficaram no espírito com as próprias tonalidades do grande orador, o que procuro agora imitar:

“Ao iniciardes o curso jurídico nesta Faculdade, inquire naturalmente o vosso espírito o que seja o Direito.

Porque o homem vive em sociedade e porque dessa convivência nascem conflitos de aspirações e interesses, era necessária uma norma reguladora desses conflitos; e surge o Direito.”

Quem de nós não se lembra do conceito de Soberania que aquele grande Professor criara e enunciava com tanto vigor e indisfarçável agrado, para não se dizer vaidade?

“Soberania é o poder incontrastável de querer coercitivamente e fixar as competências.”

E tão freqüentemente e com tal imponência ele o repetia, que costumávamos dizer que até o bedel o sabia.

Ainda a respeito da eloqüência de HERCULANO, outro episódio me ficou indelével na lembrança.

Tratava-se da solenidade da inauguração do busto de RUI BARBOSA, no átrio de entrada da Academia. Entrava a Congregação de Professores, tendo à frente HERCULANO DE FREITAS, seu Diretor; todos com as vestes talares, negras e faixa vermelha, tradicionais. Era um espetáculo imponente, austero, solene, de profundo silêncio respeitoso. Eis que, de repente, aparece o advogado Assad Becchara, pessoa muito conhecida e estimada nos meios forenses pelo seu temperamento expansivo e sumamente amável, sempre presente a todas as festas e solenidades, e entrega a HERCULANO uma coroa de louros de ouro, pedindo-lhe reverentemente que a collocasse na cabeça de RUI, como homenagem da colônia libanesa.

Houve o impacto. Momento de forte emoção e expectativa.

HERCULANO pára, e com ele toda a Congregação; recebe a coroa e, soberano, soberbo, com domínio da situação, diz com sua eloqüência sem par:

“Se eu não representasse as tradições gloriosas desta Faculdade, eu não teria forças para receber esta coroa de louros destinada à frente augusta de RUI BARBOSA.”

Explodiu ovação dos estudantes.

A segunda aula que íamos ter era de Direito Romano, de REINALDO PORCHAT. Acabrunhado pela morte da esposa estremecida, não dera aula durante um ano. Subiu à cátedra, mas

a emoção embargou-lhe a voz. E, sem nada dizer, retirou-se, a passos rápidos, visivelmente perturbado.

Na próxima aula, que era o seu “cavaco”, após largas considerações sobre o Direito e a Justiça, terminou-a, ele famoso pelo rigor nos exames e austeridade de atitudes, dizendo que no mundo o que importava eram duas coisas: Justiça e Bondade. Talvez tenha sido aquela a sua melhor aula.

Outra recordação marcante é do Professor CARDOSO DE MELO NETO. Sempre vestido com esmero, geralmente de camisa de seda, cor de palha clara, colarinho branco, duro, engomado e gravata quase sempre borboleta. Amável, finamente galhofeiro, quando encontrava um aluno, mesmo fora da Faculdade, o saudava: “como vai essa mocidade, essa bizarria?”

Orador, eloqüente, suas aulas eram claras, com apurado senso didático, dicção perfeita, tonalidade incisiva, convincente.

Ainda me lembro, literalmente, deste trecho de uma das suas aulas, que o repito procurando imitar o seu modo próprio de falar. Parece que ainda o estou ouvindo:

“Produzir não no sentido de criar, não no sentido de engendrar, mas no sentido da escola de Macleod, da apresentação da coisa ao mercado.

Se produzir é vender, se produzir é a apresentação da coisa ao mercado, pouco importa, no domínio econômico, a lenda de Robinson na ilha deserta.”

Certa feita, saudando, em nome da Congregação, a caravana dos estudantes coimbrenses, que nos visitava, começou:

“Perdoai, senhores de Coimbra, se a palavra acostumada a pregar o Direito, não nos desfolhe rosas pelo caminho.”

Tendo falecido JOÃO MENDES JUNIOR, professor da Escola e Ministro do Supremo Tribunal Federal, falando sobre ele e referindo-se à gaguez de que o mesmo era portador, assim se expressou CARDOSO DE MELO NETO:

“E Deus que lhe deu esse defeito, parece ter querido fazer, com isso, que pudéssemos nós, menos inteligentes do que ele, absorver gradativamente a ciência que jorrava abundante de seus lábios.”

Outras passagens poderiam ser aqui recordadas, pois permanecem ainda em nossa lembrança, relativas aos demais Professores. Mas já estou me alongando em demasia, embalado pela doçura do nosso convívio, neste ambiente que nos rejuvenesce. Deixemos para a hora do almoço aquelas recordações.

Apenas uma referência ao nosso querido paraninfo, o Professor FRANCISCO MORATO, com sua incomparável elegância no vestir, no porte, nos gestos, no falar, no dissertar, enamorado dos nossos clássicos, a exprimir-se sempre no mais puro vernáculo e a nos arrebatrar nos arroubos de sua eloquência.

Tinha profunda veneração por JOÃO MENDES JUNIOR e, quando dele dissentia, assim se expressava com bela entonação, que tento imitar :

“João Mendes Junior, e os senhores compreendem que é, com grande acanhamento e respeito, que divergimos daquele grande Mestre.”

Tenho de encerrar. Das três Deusas da Academia — que, segundo SPENCER VAMPRE, o seu enternecido historiador, eram a Poesia, a Eloquência e a Saudade — aqui ficaram a Poesia de nossos sonhos, a Eloquência juvenil de nossos corações e a Saudade de nossos Mestres e de nossos colegas.

Que Deus nos acompanhe e permita que ainda nos reencontremos muitos e muitos anos.

Tenho dito.